

POSSIBILIDADES E CONDICIONANTES DA TRADUÇÃO DE POESIA: O CASO DE BAUDELAIRE E POE¹

De um modo geral e em primeiro lugar, a problemática da tradução do texto poético reside na própria natureza do texto entendido como uma manifestação de arte. Sem querermos aprofundar neste ensaio as inúmeras questões levantadas pela natureza do fenómeno poético, ou pela própria complexa definição do conceito, limitar-nos-emos ao tratamento de apenas algumas dificuldades específicas que a tradução deste tipo de texto levanta dando como exemplo algumas das traduções baudelairianas de Poe. Pressupõe-se pois na escrita poética o emprego especial de uma dada língua natural que a diferencia de escritas ditas de outros tipos, obrigando evidentemente o tradutor a ter em consideração um conjunto de características distintivas. Por assentar em técnicas de prosódia e versificação, mais ou menos presentes segundo as correntes ou movimentos subjacentes, por partilhar o seu meio de expressão — as palavras — com outras formas de comunicação, a poesia tem sido desde sempre o centro da controvérsia sobre a possibilidade ou impossibilidade da tradução. Lembremos a este propósito Coleridge:

In poetry, in which every line, every phrase, may pass the ordeal of deliberation and deliberate choice, it is possible, and barely possible, to attain that *ultimatum* which I have ventured to propose as the infallible test of a blameless style; namely: its *untranslatableness* in words of the same language without injury to the meaning.²

¹ Comunicação apresentada no IV Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, organizado pela Universidade de Évora — 9-12 /5 de 2001.

² COLERIDGE, Samuel Taylor — *Biographia Literaria*, cap. 22, 1817.

A eterna questão de saber se a tradução é verdadeiramente possível ou não baseia-se, com mais ou menos evidência, na tese de que não se traduz uma língua sem deixar de fora algo de essencial: aquilo a que podemos chamar a «intraduzibilidade» da forma poética tem sido pois uma das preocupações centrais dos teóricos do séc. XX, assentando, como dissemos, na evidência geral da perda visível no acto da tradução.³

Desde o tempo de Baudelaire e Poe até hoje, o paradigma não se alterou muito: a arte de traduzir oscila na relação ambivalente entre a necessidade de reproduzir o original e a de recriá-lo. Seja como *traduttore traditore* ou não, o tradutor é sempre um ser duplamente universalizador pois contribui para evidenciar a unidade do mundo em que vive, codificando-o e decifrando-o duplamente. Como afirma Joaquim Manuel Magalhães:

Todo o esforço poético é um esforço de tradução. Tradução para palavras de planos interiores e exteriores da realidade. E se falamos de traição da tradução, reparemos também aí quanto as palavras traem e não será por isso que deixamos de as verbalizar.⁴

Pela leitura dos escritos de Baudelaire, em especial *Sur Edgar Poe*, *Edgar Allan Poe, Sa Vie et ses Oeuvres*, *Notes Nouvelles sur Edgar Poe* e *Notes Sur des Oeuvres de Poe* verificamos que Baudelaire, como outros tradutores, pretende dar a conhecer o contexto cultural e estético-literário de Poe, cumprindo assim o sentido etimológico da própria palavra «tradução»: do latim *traductiōne*, ou seja, «levar de um lugar para outro». Neste processo, dão-se a conhecer simultaneamente tradutor e autor traduzido: sentimo-nos levados para dois mundos de escrita, somos confrontados com orquestrações verbais e particularidades de estilo distintas.

Atento às predisposições sensoriais do autor original, Baudelaire revela-se simultaneamente leitor em primeira instância e autor na última instância, sendo visível contudo, no texto *Sur Edgar Poe*, *A Maria Clemm*, a intenção de jogar com as palavras:

Adieu, madame; parmi les différents saluts et les formules de complimentation qui peuvent conclure une missive d'une âme

³ Cf. entre outros, BROWER, R. A.— «On linguistic aspects of translation», *On Translation*, Harvard, Harvard University Press, 1959, 238; STEINER, George - *After Babel: Aspects of Language and Translation*, 3rd edition, Oxford, O.U.P., 1998, caps. II, VI

⁴ MAGALHÃES, Joaquim Manuel — «Rima Pobre», crónica de *O Independente*, 23 de Janeiro de 1993.

a une âme, je n'en connais qu'une aux sentiments que m'inspire
votre personne : *goodness, godness*.⁵

É inevitável neste contexto recordarmos novamente as palavras de Joaquim Manuel Magalhães:

A poesia é-o na língua de origem por causa de um ritmo que é um sentido, no contexto dos sentidos dos ritmos nessa mesma língua. Transpor isso para um outro ritmo, que seja um sentido no contexto dos sentidos dos ritmos da língua de chegada, é uma tarefa tão rara que é um dos fundamentos da indecisão quanto à possibilidade de confiança na própria ideia de tradução.⁶

Não se torna difícil justificar hoje o esforço de tradução operado por Baudelaire em relação a Poe. Sabendo embora que, acima disso, ou melhor, por causa disso, está o intercâmbio e o diálogo cultural que se estabeleceu entre o simbolismo francês, o transcendentalismo americano e de uma forma muito geral os movimentos estético-literários e ideológicos da Europa da segunda metade de séc. XIX, o que é facto é que, tal como aconteceria hoje, Baudelaire pôs à prova a sua capacidade criativa como tradutor. Muitos dos factores que sempre se consideram impossibilidades de tradução - ritmos, pés, sílabas métricas, rimas, jogo conceptual, contextualidade - obrigou a um esforço cujo limite se situava, como ainda situa, na obtenção dum nível de bilinguismo tão alto que o poema elaborado na língua de partida pudesse ser resgatado e transposto para a língua de chegada onde continuava a cumprir o seu destino como poema e mensagem poética. Talvez por esta razão, e apesar da nota de rodapé que alega o desconhecimento de Baudelaire relativamente às palavras *goodness/ godness/ godliness*, seja visível o compromisso entre a literalidade, prejudicial à compreensão dos leitores na língua de chegada, e a liberdade total, falseadora do significado do original.

O objectivo primordial da tradução não se poderia ter cumprido de forma mais absoluta: o poema e outros textos de Poe passaram a fazer parte do mundo literário francês da segunda metade do séc. XIX, transformando o acto de individualismo (a tradução) num acto de aprendizagem útil para todos os que se dispuseram a ler - logo a traduzir o que liam:

⁵ BAUDELAIRE, Charles - *Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, p. 318.

⁶ *Idem*, 29 de Janeiro de 1993.

Quel est l'auteur parisien un peu lettré qui n'a pas lu le *Chat Noir*?⁷

Ou seja, o poeta traduz a realidade à sua volta e no seu interior para um código escrito que, por força do seu ímpeto comunicativo e intensamente translatório é traduzido pelo tradutor/poeta para um código diferente, o qual actua por sua vez no espírito de outros que demonstram interesse em traduzi-lo. Esta deveria ser talvez, no contexto específico da circunscrição de esferas de influência, a primeira etapa obrigatória na abordagem das implicações do transcendentalismo americano na Europa da segunda metade do séc. XIX.

É que, quando um poema é traduzido, existe, entre a língua de partida e a língua de chegada, um terceiro elemento - o tradutor - que preenche o intervalo e permite o reconhecimento entre a voz do autor e o entendimento dos leitores, ficando desta forma definido o próprio valor comunicativo da tradução. Assim, afirmar que o tradutor de poesia é um intermediário entre línguas, culturas e heranças literárias diversas é algo que assume no contexto dos autores em questão uma dimensão maior. Apesar da opinião de Ruland e Bradbury se orientar no sentido contrário —

If, for modern readers, Poe — - now seems the classic writer of American Romantic decadence and the source of an essential tradition in the American imagination, that is belated acknowledgment. If he has subsequently won major recognition in at least three roles - as deep troubling poet, significant symbolist theorist and major originator of the modern short story - he remained unappreciated in his own day and was long to seem to many Americans a curiously European writer; he was indeed adopted as such by Baudelaire and the French symbolists.⁸

a leitura/interpretação e reescrita de Poe em França virá a contribuir para globalizar os movimentos estético-literários no mundo da cultura ocidental oitocentista perspectivando-os na modernidade, mesmo quando erguida contra as tradições poéticas do séc. XX. A existência de traduções de Poe na França de Baudelaire serviu pois de veículo para que a obra de Poe fosse apresentada a um grande número de leitores, possibilitando o entendimento da mesma por parte de todos aqueles que, desconhecendo o código linguístico do original, iriam ficar excluídos

⁷ BAUDELAIRE — *Oeuvres Complètes*, p. 331.

⁸ RULAND, Richard & BRADBURY, Malcolm - *From Puritanism to Postmodernism: A History of American Literature*, U.S.A., Viking Penguin, 1991, p. 138.

do ciclo translatório e comunicacional. Neste caso como noutros, a tradução joga com a latência das pluralidades de sentido, com os efeitos de densificação verbal, com a invenção vocabular, com o inesperado ou o esperado rimático e rítmico: há que identificar estruturas linguísticas que suportam em si mesmas sentidos denotativos e conotativos e que determinam a estrutura global do poema. Durante e após o processo de leitura analítica e interpretativa, o tradutor, neste caso Baudelaire, mesmo que inconscientemente, foi construindo uma estrutura poética dentro de si mesmo, portanto mais pessoal. Eventualmente, acabou por redefinir prioridades e ênfases, alterando a tradução de acordo também com a sua própria experiência de leitura. Assim, embora a mensagem do poema se possa ter mantido constante ao longo deste processo, a actualização formal do texto ficou sujeita a modificações ou mutações. Não esqueçamos no entanto que são os próprios poetas que dão o exemplo, ao fazerem correcções nas suas obras, de edição para edição.

Na tradução do texto poético, em que as palavras surgem imbuídas de diversos valores semânticos, o resultado deixa de ser o encontro do equivalente correcto para passar a fundar-se na escolha de um equivalente, de entre um leque de vários possíveis, que o tradutor entenda ser o que melhor transmite a pluralidade de sentidos de um dado texto. Muito mais do que uma transposição de equivalências, a tradução de poesia passará forçosamente sempre, não por filtrar, mas por permitir a passagem da polissemia das palavras, sem contudo perder de vista que as várias dimensões de significado que atribui a cada uma delas advêm de associações históricas das mesmas, bem como de associações individuais do próprio tradutor. Na tradução do texto poético, o papel desempenhado pelo tradutor reveste-se de uma importância especial porquanto também este, como o autor do texto original, realiza o que Paz chama de uma operação literária na qual a sua própria iniciativa é decisiva.⁹

Pensamos pois que não é descabido falar de tradução de poesia hoje, utilizando como exemplo dois autores do séc. XIX: com maiores ou menores aparelhos conceptuais e teóricos, parece-nos óbvio que cada poeta e toda a poesia que escreve, tal como a língua em que é veiculada, são protagonistas únicos. Traduzi-los implica necessariamente que as especificidades do poema e da língua fiquem comprometidos. A transfiguração da poesia, através do processo de tradução, é uma consequência própria da diversidade linguística e dos meios linguísticos e translatórios existentes. Importante será que essa transfiguração não contrarie a identidade própria do poema original. Deste modo, o tradutor vai atender a tudo o

⁹ PAZ, Octavio — *Traducción: Literatura y Literalidad*, 2nd ed. Barcelona, Tusquets Editores, 1981, p. 13.

que lhe é transmitido pelo poeta, via poema, vai captar e assumir o sentido do original e reproduzi-lo sob uma forma que tenha tanto da chamada fidelidade como de recriação, mantendo intacta a sua identidade estético-literária.

Pela globalidade dos textos que Baudelaire escreveu sobre Poe, percebemos claramente quão importante foi sentir a personalidade do poeta, perceber o ritmo interno dos seus escritos, na tentativa de estabelecer uma relação de cumplicidade entre os dois. Contudo, mesmo que reproduzidas por Baudelaire as metamorfoses e alquimias da escrita de Poe, é inevitável a criação de novas palavras, onde se pode reconhecer uma espécie de co-autoria:

Je recours naturellement à l'article intitulé : *The Poetic Principle* et j'y trouve, dès le commencement, une vigoureuse protestation contre ce qu'on pourrait appeler, en matière de poésie, l'hérésie de la longueur ou de la dimension, - la valeur absurde attribuée aux gros poemes. «Un long poème n'existe pas ; ce qu'on entend par un long poème est une parfaite contradiction de termes». En effet, un poème ne merite son titre qu'autant qu'il excite, qu'il enlève l'âme, et la valeur positive d'un poème est une raison de cette excitation, de cet *enlèvement* de l'âme.¹⁰

No processo de apropriação, Baudelaire coloca definitivamente a palavra *enlèvement* em itálico - sabendo que ela é o equivalente possível para *excitement*, *elevation of the soul*, Baudelaire partilha com o leitor da língua de chegada a mesma emoção que Poe partilhou, através do conceito original, com o leitor da língua de partida. Há que ressaltar no entanto o facto de o tratamento da actividade da alma no transcendentalismo americano não estar, em Baudelaire, plenamente veiculado: necessário seria a especificação comparativa do conceito em relação à *over-soul* de Emerson para se entender o seu impacto no contexto da conceptualização teórica americana.

Enquanto depositário do poema, ao tradutor pertence pois, em certa medida, a autoria do texto. Neste processo de assenhoreamento do texto, o tradutor, enquanto intermediário entre dois sistemas linguísticos e culturais, não recebe apenas o poema, mas também o poeta, tornando-se seu cúmplice. Para que a tradução de poesia não seja apenas o reflexo de um encadeamento amorfo de palavras, entre o tradutor, o poeta, o poema e a sua mensagem e o código linguístico deve existir uma interacção que explore todas as possibilidades do texto formal e semanticamente. Trata-se de

¹⁰ BAUDELAIRE — *Oeuvres Complètes*, p. 351.

uma relação que, qualquer que seja a época em questão, nunca deixa de ser subjectiva.

Entre *excitement* de Poe e *enlèvement d'âme* de Baudelaire, houve fundamentalmente uma transferência de sentimentos, dúvidas, apelos e ilusões, isto é, ficou contemplado o efeito emotivo e intelectual da obra. Diga-se no entanto que esta transferência podia ou pode ter sido falível, dependendo daquilo que Baudelaire viu no texto e do modo como o interiorizou e exprimiu. Ao alcançar este nível de intimidade, não só com o sistema linguístico em causa, mas também com o código cultural, histórico literário e biográfico, as idiossincrasias que definem o poeta, o que se pode verificar pelo manancial de textos que integra as traduções, o tradutor aproxima-se o mais possível do acto de escrita e das circunstâncias em que foi gerado. Forma-se então uma imagem que, transposta para o papel, refaz as uniões primordiais, criando outro poema, sem nunca perder de vista o texto primeiro, sempre comparando e buscando a fórmula ideal que simule, por afinidade, a criação original. Como podemos ver no exemplo que se segue, o tradutor partiu de uma construção textual e reconstituiu-a peça por peça, verso por verso, estrofe por estrofe, aspirando a um momento de genialidade que lhe permitiu imbuir essa construção do sentido próprio do modelo original:

TO MY MOTHER

Because I feel that, in the Heavens above,
 The angels, whispering to one another,
 Can find, among their burning terms of love,
 None so devotional as that of «Mother»,
 Therefore by that dear name I long have called you -
 You who are more than mother unto me,
 And fill my heart of hearts, where Death installed you
 In setting my Virginia's spirit free.
 My mother - my own mother, who died early,
 Was but the mother of myself; but you
 Are mother to the one I loved so dearly,
 And thus are dearer than the mother I knew
 By that infinity with which my wife
 Was dearer to my soul than its soul-life. [1849] ¹¹

Parce que je sens que, là-haut dans les Cieux,

¹¹ POE, Edgar Allan — *The Poems of Edgar Allan Poe*, Cambridge & Mass., Harvard University Press, 1980, pp. 466/7.

Les Anges, quand ils se parlent doucement à l'oreille,
 Ne trouvent pas, parmi leurs termes brûlants d'amour,
 D'expression plus fervente que celle de mère,
 Je vous ai dès longtemps justement appelée de ce grand nom,
 Vous qui êtes plus qu'une mère pour moi
 Et remplissez le sanctuaire de mon coeur où la Mort vous a installée
 En affranchissant l'âme de ma Virginia.
 Ma mère, ma propre mère, qui mourut de bonne heure,
 N'était que ma mère, à moi ; mais vous,
 Vous êtes la mère de celle que j'aimais si tendrement,
 Et ainsi vous m'êtes plus chère que la mère que j'ai connue
 De tout un infini, - juste comme ma femme
 Était plus chère à mon âme que celle-ci à sa propre essence.¹²

Sem querer especificar de forma demasiado pormenorizada as diferenças entre os dois textos, original e tradução, percebemos que, entre uma língua e outra existem divergências lexicais, sintáticas e prosódicas. Como acontece tantas vezes quando se traduz do inglês para uma língua latina, a extensão na chegada é muito superior à que existia na partida pelo que, por exemplo, *whispering* passa a ser *quand ils se parlent doucement à l'oreille*. Para a estrutura *Can find ... None so*, Baudelaire operou a única transformação possível numa língua latina, *Ne trouvent pas... plus que*. *Heart of hearts* perde efectivamente o efeito da sonoridade repetitiva que tinha, passando a ser *le sanctuaire de mon coeur*. O impacto de *mother of myself* leva Baudelaire a utilizar a repetição e a enfatizar através do itálico em *ma*, *N'était que ma mère, à moi*. *By that infinity* perde a especificação demonstrativa e adquire a generalização indefinida *De tout un infini*. Finalmente, *than its soul-life* passa para *à sa propre essence*. Neste último caso, como aconteceu no ponto atrás referenciado (*excitement of the soul*) Baudelaire foi atraído pela absoluta inexistência, em francês, da possibilidade de justaposição de palavras, em absoluta aglutinação de sentidos (*soul-life*).

Para além de todas estas diferenças, parece-nos útil convocar a opinião de Gideon Toury quando afirma que a tradução é uma actividade cuja função é satisfazer necessidades da cultura de chegada. Afirma também que uma tradução de um texto considerado literário na cultura de partida, capaz de reconstruir a teia de relações

¹² BAUDELAIRE — *Oeuvres Complètes*, 318.

internas que faz dele uma instância de discurso única, deve ser chamada de tradução de texto literário, reservando a designação de tradução literária para qualquer texto que, mesmo quando não considerado literatura na cultura de partida, é aceite como literário na cultura de chegada.¹³ Inferimos pois tratar-se o poema produzido por Baudelaire de tradução poética e não simplesmente tradução de poesia, na medida em que, a literariedade de um texto numa dada cultura se define com base em características, modelos e técnicas que essa cultura considera, num dado momento, literárias. Daí que Toury entenda como tradução literária a produção de textos que cumpram esses requisitos na língua de chegada, mesmo quando a subjugação a esses modelos e normas considerados literários na cultura alvo impliquem a supressão de características que marcavam a literariedade do original ou a inclusão de outras, entendidas como literárias na cultura de chegada, processo que exemplificámos acima.

Terminamos com a referência ao ensaio *Tradução e Tradição* onde João Almeida Flor questiona os critérios operatórios que permitem conciliar a literalidade de um texto com a sua literariedade, dados os horizontes de expectativa distintos dos leitores do texto original e da tradução, bem como o estatuto deste tipo de texto traduzido. Admitindo, como Flor também o faz, que o objecto da tradução de literatura será o de obter no leitor segundo, os mesmos efeitos obtidos no leitor do texto original, se o perfil dos leitores de ambos os textos é um perfil imaginário e ainda se cada nova leitura de um texto plurissignificativo gera novas e distintas recriações, reescritas essas que podem oscilar entre uma colagem à literalidade do texto original e o nascimento de uma obra original na língua de chegada então, diz Flor, talvez estas sejam falsas questões.¹⁴ Ao reescrever um texto, que pode já estar distante no tempo, e lançando mão de meios de expressão diferentes, o tradutor acaba por, a um tempo, revelar e ocultar o texto que lhe serve de base. Flor compara mesmo o tradutor ao poeta fingidor de Pessoa:

Tal como o poeta, o tradutor será, então, um fingidor por excelência uma vez que lhe compete praticar um complexo jogo de revelação e ocultação, que tende a simular a forma de um conteúdo, ou seja, a escrever o texto que o autor original teria escrito, por hipótese, se o seu veículo de expressão fosse a língua de chegada.

¹³ TOURY, Gideon — *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam, John Benjamins, 1995, pp. 166-170.

¹⁴ FLOR, João Almeida — «Tradução, Tradição», II Jornadas de Estudos sobre a Tradução, Lisboa, GUELF, 1983, p. 14.

Mau grado as muito discutidas intraduzibilidades, certo é que, Baudelaire trouxe Poe para a Europa, convocando assim o aparelho cultural e estético-literário do transcendentalismo americano no entrecruzar das múltiplas influências que no fim-de-século se exerciam. Se nos apropriarmos da designação emersoniana de crítico, talvez possamos compreender a explicar o fenómeno da tradução poética:

The poet is the lover loving; the critic is the lover advised.¹⁵

Maria João Pires

¹⁵ EMERSON, Ralph Waldo — *The Heart of Emerson's Journals*, ed. Bliss Perry, New York, Dover Publications, Inc, 1995, p.38.